

OS MITOS DA CULTURA POP DE DANTE A DYLAN

Cliente: Tinta Negra Bazar Editorial
 Produto: Mitos da cultura pop – de Dante a Dylan



20 Perry Meisel

inclusive uma tentativa de debater a relação entre sua anatomia e a alma e o espírito em 1011.

O surgimento do cérebro como fonte biológica do pensamento, sentimento e sensações complexa o tom presumivelmente idealista do Romantismo, especialmente o Romantismo britânico. A ciência do cérebro transformou em questões materialistas tanto o Romantismo quanto a psicologia, não por ser mecanicista, mas por haver situado ideias em relação ao "sensorial". O envolvimento direto de Keats com as ciências sensoriais produziu gerações de estudiosos preocupados com a conexão entre a rufaxe que ele conferia às sensações e sua experiência como escultor que tinha nas mãos o material de suas próprias metáforas. O clima na Grã-Bretanha foi especialmente propício. *Observations on Man* (1749), de David Hartley, constitui o melhor elo entre a filosofia sensorial e os primeiros tempos da ciência do cérebro. Hartley, contemporâneo de Galvani, já considerava a fisiologia como base da psicologia. Assim como a "eletricidade" de Galvani, as "vibrações" de Hartley ligavam estímulos físicos a ocorrências no interior da mente, usando "associações" para compreender a forma pela qual as sensações, ideias e sentimentos estavam relacionados entre si. A novidade não era o associacionismo de Hartley. O ele "associacionista," entre sensações e ideias era conhecido desde David Hume. A associação entre associações e vilâncios era nova, e essas últimas eram entendidas em um sentido estritamente não-verbal como poder "ativo", conforme disse Hartley, na "substância medular" (1749, 14). Hartley deu ao associacionismo de Hume um fundamento claramente neurológico que já estava implícito nos próprios precursoros do Edoardo — John Locke, que como Hartley era também dançar em medicina, e George Berkeley, cuja obra inicial continha um outro tratado sobre a fisiologia da visão humana (1709).

A frenologia é também precursora do desenvolvimento posterior, no século XIX, dos primeiros estudos científicos sobre a perversão e a criminalidade. A "baixa" intelectual e a "vida baixa", como a chamou Luc Sante (1991), estão ligadas. A capacidade inadequada de julgamento sem divida leva ao pecado, com a ciência substituindo a religião como a voz autorizada a afirmá-lo. Cesare Lombroso e Max Nordau despendem na Europa os princípios papais nesse história paralela ao adjacente do "alto"

A história da alta e da baixa cultura 21

e "baixa". *O homem delinqüente* (1876), de Lombroso, argumentava que a delinqüência sexual e criminosos era "atávica" e derivava do resumo de instintos primitivos normalmente subjugados pelo desenvolvimento evolutivo no indivíduo "normal". O inovador Lombroso era frequentemente fotografado com uma cunivara em uma das mãos e um instrumento de mensuração do crânio na outra. Para Nordau, na obra de grande influência *Degenerativos* (1892) — o livro era dedicado a Lombroso — os tipos de crânio e as características faciais eram indicadores do caráter humano. Em sua opinião, não era necessário fazer medições: a questão era evidente por si mesma:

Quando o organismo se torna debilitado sob qualquer tipo de influência nociva, seus sucessores não terão a aparência do tipo saudável, normal, da espécie, com capacidade de desenvolvimento, mas sim formação de uma nova subespécie, a qual, como todas as outras, possui a capacidade de transmitir a seus descendentes, em grau continuamente crescente, suas peculiaridades, que são desvios morfológicos da forma normal — hábito no desenvolvimento, má-formação e enfermidades...

A degeneração se mostra entre os homens por meio de certas características físicas... Tais stigmas consistem em deformações, em crescimentos múltiplos e deturpados na primeira linha de simetria, no desenvolvimento desigual dos dois metades do rosto e do crânio em seguida, em imperfeição no desenvolvimento do tecido exterior, visível em seu enorme tamanho, ou em excessividade na cabeça, como uma alça, cujo lado não é voltado para dentro, mas além, olhos apartados, lábios liporinos, irregularidades na forma e posição dos dentes, arcada palatal chata ou pontada, dentes úrdios ou extramurados (mandíbula e maxilar), etc (1892, p. 16-17).

Entre a época de Lombroso e a de Nordau surgiram os primeiros sexólogos científicos. Richard Krafft-Ebing e Alfred Binet. Krafft-Ebing não foi apenas o primeiro psiquiatra, ou "alcalde", a estudar as diferenças sexuais com razoável objetividade, particularmente a homossexualidade e as perversões. Ao obviamente parodiando Freud, E-bing mediante a hipótese de que as características sexuais eram adquiridas durante o início do desenvolvimento mediante associações casuais experimentais pela criança

22 Perry Meisel

talvez a mais importante. É a influência que James Strachey tinha em mente, sem dar nomes aos bois, no prefácio à *Standard Edition*, quando descreveu a imagem de Freud como a de "um cientista inglês de ampla educação nascido em meados do século XIX" (1966, I: XIX). Para Darwin, a chave da evolução não é o critério determinante do meio ambiente sobre o organismo — isso é de Lamarck —, mas a reação do organismo ao meio ambiente. A hereditariedade é a história dessas adaptações. O que é social e histórico em todas as espécies é também material. A diversidade sociológica é também orgânica. Darwin descobriu já em seu relato de viagem, *Beagle* (1839), que a mesma espécie reagia de maneira diferente a forças ambientais semelhantes. Uma característica ecológica ou "hereditária" do panorama global é também uma característica social. A hereditariedade e a ecologia são uma e a mesma coisa. A *Thousand Plateaus* (1968), de Deleuze e Guattari, é uma elaboração sobreita, ainda que silenciosa, das implicações ambientais da *Psique*, em grande parte da mesma forma que o anterior *Anti-Édipo* é uma elaboração, como certa vez sugeri (2007), das tonais que cercam a personalidade soberana, como a figura do pai em *The Ego and the Id* (1923).

As formações sociais são evolucionárias do ponto de vista da defesa orgânica. Elas são, portanto, sociais porque colecionam adaptações de grupos ao perigo e incessantemente reavaliam os mecanismos de defesa do organismo por meio da história social da espécie. Argumentar que um hábito é social ou biológico é não prever o fato de que em ambos os casos o hábito realmente se assemelha a um tipo — ou é um tipo, uma reação reflexiva e inconsciente à ancestralidade, quando ela incita o organismo a defender-se. Para sobreviver, o organismo cria níveis cada vez mais altos de hábito, ou "creta", como a chama Freud em *Beyond the Pleasure Principle* (1920, 10, 26). Identica, numa escala de espécies, a "civilização" ou "cultura". A "civilização" de Adorno é um bom sinônimo. Ecológica e neurológica, material e social, essa relação interativa entre espécie e meio ambiente separa as duas coisas como defesa contra sua interdependência. A estrutura é idêntica à estrutura de "alto" e "baixo", que se segue como história evolutiva posterior estratificada da sobre essa história "mais baixa" ou mais primitiva, ou apoiada sobre ela. Ao mesmo tempo a história das formações sociais é estruturado segundo os termos de sua história.

1

A história da alta e da baixa cultura

Highbrow, lowbrow, middlebrow

Os termos *highbrow* e *lowbrow* vêm da frenologia, ciência surgida no século XIX que considerava a forma do crânio como chave da inteligência. A fronte "alta" e "baixa" denotavam, respectivamente, muita inteligência ou escassa dela. A frenologia floresceu como ciência popularizada no final do século XIX e acabou levando às teorias raciais dos nazistas, para os quais o crânio dos judeus e seu rosto pálido e encovado denotavam claramente inferioridade da raça judaica. Em sua origem, porém, a frenologia foi na verdade o início da ciência do cérebro levada a sério. Se um de seus resultados foi o nazismo, outro é a atual neurociência. Por volta de 1820, apesar de seu futuro nefasto como culto e sede das suposições populares a respeito da inteligência, a frenologia emergiu como primeira tentativa de mapear o cérebro. Apoiava-se na descoberta da "eletricidade animal" por Luigi Galvani, em 1781, e na noção de que o enigma da atividade mental poderia ser dividido em suas partes componentes e estudado de forma quantitativa. A anatomia da alma substituiu sua salvação. Erasmus Darwin, em *Zoonomia*, (1794-1796), usou o termo médico "sensorium" para descrever a relação do cérebro com a percepção. Franz Joseph Gall considerava o cérebro um órgão sistematizado entre 1800 e 1825 e publicou uma série de fisiologias cerebrais.

1. Termos derivados das teorias fisiológicas de Cesare Lombroso (1835-1909), segundo as quais a testa larga, ou alta, denotava inteligência, e a estreita, ou baixa, ao contrário, indicava pouca atividade intelectual e tendências criminosas císticas. No inglês corrente, significam, respectivamente, pessoas de alta, baixa e média atividade intelectual. A palavra *highbrow* possui ainda a conotação de certo pedantismo (N. T.).

3

Pop e pós-modernismo

O ou social

Isso parece já conhecido. Por quê? Porque o que tipicamente chamamos pós-modernismo é a relação performática, ou mímica, entre arte e espectador, ambiente e organismo. O globalismo do pós-modernismo possui continuidade com sua execução estética. Programaticamente, anula as distinções entre sujeito e objeto, entre consciente e inconsciente, opressor e oprimido, "alto" e "baixo". Por isso a apropriação do pop em geral tem sido idealizada como a prática do pós-modernismo. É outra forma de descrever o papel ativo, embora inconsciente, do leitor na construção do pop a partir do canônico e na saturação do campo da linguagem pelo pop e seus muitos sistemas. Como antes, há pouca diferença em relação ao funcionamento de uma cultura religiosa, especialmente a cultura medieval, a qual, *quer fosse cristã, judaica ou idêntica*, "unificava as culturas", para usar o termo de Wlad Stojak (1976) — e a preservar a continuidade da vida por meio da continuidade da forma. O pós-modernismo, segundo todos os relatos, torna observável o que em Adorno permanecia em grande parte oculto — a participação do leitor ou do espectador na conversação dialética do cânone em uma forma de pop. O pós-modernismo, como o próprio pop, cria uma mesma reciprocidade entre um leitor ou espectador e suas "referências" e o fã não apenas da vida social, mas também da estrutura da subjetividade. O sujeito é uma questão social, mesmo em seus origens.

Seria irresponsável, neste ponto, não notar a caracterização freqüente da ação de gênero do pós-modernismo como coreado ou freído, e não como primária da subjetividade. Isso é verdade mesmo no caso de pseudosubjetivos desordenados com essa ideia, como o do renegado Brigray, que faz